

## OFERTA EXCESSIVA DE CRÉDITO

Ewerton Fornel Ribeiro Sales  
Nelson Inomato<sup>1</sup>

Orientadora: Prof. Ms. Thalisa Maria Jati Gilberto<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse trabalho se baseia no estudo sobre como a economia se comporta com o excesso de oferta de crédito no mercado econômico financeiro. O estudo se inicia com a história e evolução da moeda no mundo e quão importante ela é para a sociedade. Na sequência surge o crédito, forma mais fácil e ágil para se fazer trocas dentro da sociedade como o cheque, cartão de crédito/débito, empréstimos e financiamentos. O crédito está acessível a todos, mas o seu excesso pode trazer consequências para a economia como inadimplência e crises econômicas, fazendo com que todos sejam prejudicados desde pequenos consumidores a grandes empresas.

**Palavras – chave:** crédito; inadimplência; riscos; crises

---

<sup>1</sup> Alunos regularmente matriculados no 7º semestre do Curso de Administração – noturno – do *Uni-Facef Centro Universitário de Franca*.

<sup>2</sup> Professora Orientadora *Uni-Facef Centro Universitário de Franca. Mestre em Administração*

## Introdução

Nos dias de hoje a capacidade de obter crédito está cada vez mais acessível a todas as classes sociais e está mais fácil de obter créditos altos em um curto espaço de tempo pela sua facilidade, mas isto pode gerar um excesso de oferta de crédito no mercado econômico – financeiro, pois não terão como pagar seus empréstimos bancários.

Essa excessiva oferta pode ser um modo de aquecer alguns setores do mercado, como os bancos e financeiras, que são movidos pelos empréstimos visando receber juros. Essa oferta em excesso de crédito, em especial no mercado imobiliário Norte Americano, acabou acarretando uma forte crise econômica, em que, os imóveis do país supervalorizaram, as pessoas começaram a refinar sua hipoteca, comprar sua casa própria, investir seu dinheiro para pagar dívidas ou mesmo para consumir. As companhias hipotecárias começaram a pegar dinheiro emprestado aos bancos dando como garantias essas hipotecas, surgindo nos Bancos os títulos lastreados (uma espécie de nota promissória garantida pela hipoteca). Esses lastros eram vendidos, captando dinheiro de outros, acarretando em um aumento dos os juro e queda de preços. Com os imóveis desvalorizando, as prestações sendo reajustados com o aumento dos juros, os moradores não tinham como pagar suas dívidas, os títulos já não garantiam mais nada e os bancos estavam à beira da falência. Tendo que recorrer ao governo e com a capacidade de empréstimo limitada, as financeiras recuaram economicamente e muitas até faliram.

A presente pesquisa tem como objeto de análise o excesso de oferta de crédito no mercado atual, o que leva ao estudo também do surgimento da moeda, sua evolução até o crédito e a inadimplência com as consequências do excesso de oferta de crédito no mercado atual.

Esse estudo torna-se pertinente, tendo em vista verificar o que a excessiva oferta de crédito pode causar ao mercado econômico financeiro e até que ponto favorece a inadimplência e a crises financeiras.

A metodologia que será utilizada para realização do presente estudo, será quanto aos fins descritiva e explicativa, quanto aos meios será bibliográfica e telematizada, trará como universo o mercado econômico financeiro. Através de análises e interpretações de dados coletados em livros, revistas especializadas, jornais, artigos, e dissertações permitirão a conclusão deste estudo.

O presente artigo está dividido da seguinte maneira; em sua primeira parte um breve estudo sobre a origem da moeda e sua evolução; posteriormente trata-se da questão do crédito para depois comentar-se sobre a inadimplência. Com essa base é possível elaborar um estudo acerca das consequências da oferta excessiva de crédito, para por fim, concluir o estudo.

## **1 Origem da moeda e sua evolução**

Segundo Banco Central do Brasil<sup>3</sup> a moeda como conhecemos hoje, é o resultado de uma longa evolução “moeda mercadoria”.

No início da civilização, praticava-se o escambo, forma de troca de mercadoria, sem a equivalência de valor. Assim, por exemplo, quem pescasse mais peixe que precisasse trocava com quem tivesse plantado e colhido mais milho do que o necessário para sua família. Porém nessa forma de troca ocorriam algumas dificuldades, por não haver uma medida comum de valor entre as mercadorias a serem trocadas, com isso alguns levavam mais vantagem na troca que outros pelo tipo dos materiais, pois faziam pela necessidade do produto.

Ainda nesse sistema de troca, houve o que se chama de moeda-mercadoria, pois algumas mercadorias passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor.

O gado, foi uma das mercadorias mais utilizadas, apresentava vantagens de locomoção própria, reprodução e prestação de serviços. O sal, o pau - Brasil, o açúcar, o cacau, o tabaco e o tecido também foram um dos produtos mais trocados.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor e dificuldade no transporte, por não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, não permitindo o acúmulo de riquezas.

Então se iniciou a era metálica, quando o homem descobriu o metal e passou a usá-lo como forma de moeda. Por apresentar vantagens como a possibilidade de entesouramento, divisibilidade, raridade, facilidade de transporte e

---

<sup>3</sup> BCB. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?ORIGEMOEDA>>. Acesso em: 31 maio 2011.

beleza, o metal se tornou o principal padrão de valor. Os metais mais usados foram o cobre, o bronze e o ferro, mas com o passar do tempo esses metais foram descartados por não servirem como reserva de valor, pela abundância associada às descobertas de novas jazidas. Esses metais denominados de não nobres, foram aos poucos substituídos por outros mais nobres, como o ouro e a prata, que passaram a ser definidos como metais monetários por excelência.

O metal comercializado precisava ser pesado e havia uma avaliação de seu grau de pureza a cada troca, isso tornava trabalhosa a troca de mercadorias com o metal.

Surge então no século VII a.C as primeiras moedas com características das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, ou seja, a marca de quem as emitiu, o que garante o seu valor.

A princípio as peças eram fabricadas por processos manuais e rudimentares, tinham suas bordas irregulares, não sendo peças iguais umas as outras.

A fabricação de moedas em ouro e prata se manteve durante muitos séculos, sendo as peças garantidas por seu valor intrínseco, isto é, pelo valor comercial do metal utilizado na sua fabricação, assim, uma moeda na qual haviam sido utilizados vinte gramas de ouro, era trocada por mercadorias neste mesmo valor.

Durante séculos, muitos países mantiveram esse sistema, até que o cuproníquel, e outras ligas metálicas passaram a ser utilizadas, passando a moeda a circular pelo seu valor extrínseco, ou seja, pelo valor gravado na sua face, independente do metal nela contido.

Na Idade média surgiu o costume de se guardar as economias com os ourives, este, como garantia entregava recibos. Com o tempo, esses recibos, passaram a ser utilizados para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, dando origem a moeda – papel.

O governo vendo que não tinham controle dos recibos emitidos pelo ourives, com isso, teve o surgimento do Banco Central do Brasil onde capitavam e controlava esse papel moeda, as pessoas já não deixavam mais seus ganhos com os ourives, pois tinha um lugar próprio para deixar seu dinheiro e com isso o governo tinha um controle de tudo que as pessoas faziam com ele.

Segundo Pacheco (2008), a função dos ourives passou a ser exercida

pelos bancos, que ao perceber a possibilidade de emissão de mais notas do que o correspondente de ouro depositado gerou a denominada moeda - papel fiduciária, deixando de existir a moeda - papel representativo. As emissões se tornaram, portanto, responsabilidade do Estado, que de acordo com as necessidades, aumentava a emissão de papel - moeda sem o lastro correspondente.

Segundo Merenda (1993), através da evolução dos meios financeiros, percebe-se a substituição do papel - moeda por formas alternativas, como o uso de talões de cheque e cartões de débito e crédito.

## 2 Crédito

Segundo Moneybasic. 2001 “a palavra crédito vem das palavras latinas "*credere*", "*confiança*" e *creditum*, " uma coisa confiada de boa fé". Sempre que tem necessidade de recorrer ao crédito, existem entidades que disponibilizam o dinheiro e a quem, posteriormente, terá que pagar”.

O crédito nasceu com a Revolução Industrial com o surgimento da classe operária, pois eles tinham um salário fixo e mais ou menos estável.

Com isso funcionários com emprego fixo começaram a consumir mais e o comércio disponibilizava uma linha de crédito para essa classe para que depois pagassem suas dívidas. Cada vez mais foram fornecidos e então começou a girar mais dinheiro no mercado.

Por fim apareceram os Bancos com seus empréstimos e suas altas taxas de juros.

Crédito é a soma em dinheiro disponibilizada por uma pessoa, entidade financeira ou um banco, por determinado período. O beneficiário deve pagar uma forma de remuneração, designada por juro, como contrapartida da disponibilização do dinheiro. Implica geralmente, a prestação de uma garantia ao banco, pela quantia emprestada. O crédito ao consumo, normalmente, dispensa esta garantia e consequentemente implica uma taxa de juro mais elevada<sup>4</sup>.

Quando se recorrer ao crédito, isso implica um compromisso em longo prazo. No caso do crédito ao consumo, deve proceder de modo a que não comprometa o orçamento familiar durante o prazo em que o crédito durar. Esse

---

<sup>4</sup> MONEYBASIC. Disponível em. <[http://www.moneybasic.pt/credits\\_n\\_spending/what\\_is\\_credit.html](http://www.moneybasic.pt/credits_n_spending/what_is_credit.html)>. Acesso em 22 maio 2011.

crédito implica o pagamento de uma taxa de juro, e, por essa razão, deve ser usado com cautela.

O crédito é bem vindo à economia, para fomentar a produção, o emprego, consumo e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico.

A expansão do crédito, de modo geral, é benéfica para o desenvolvimento econômico de qualquer nação, pois sem recursos financeiros não se produz e nem se consome adequadamente, o que geraria uma situação de estagnação econômica com alta da inflação, fenômeno estagflação, prejudicial e contrário à política de crescimento econômico.

Porém, o excesso de oferta de crédito pode acarretar alguns problemas, se utilizado de forma desenfreada, como o aumento da inadimplência.

### **3 Inadimplência**

Ao longo dos últimos anos a economia brasileira tem visto um forte crescimento do crédito. O volume de crédito do Sistema Financeiro Nacional<sup>5</sup> passou de R\$417,8 bilhões em janeiro de 2004 para R\$1,71 trilhão em janeiro de 2011. Grande parte desse crescimento foi ocasionada pelo aumento dos consumidores, sendo pessoa física que não comprava grande parte destes produtos que agora passou a compra-los, que no início de 2004 representava apenas 38% do crédito total e hoje já atinge 45,9% do estoque um aumento de 7,9%, ou o equivalente a R\$ 787,1 bilhão.

Os consumidores compram como nunca e geram para empresas resultados elevados. Essa é a vantagem do crescimento. No entanto, pode levar uma situação não favorável como a inadimplência.

A inadimplência pode causar danos na economia de um país. Seu aumento sinaliza maior risco de que partes das vendas do comércio não sejam recebidas. Em geral, a primeira reação dos comerciantes é rever as formas de pagamento oferecidas, o que prejudica os demais consumidores.

Segundo pesquisa do SPC Brasil<sup>5</sup> em janeiro de 2013 a “inadimplência teve um aumento de 11,8% tendo em base os valores do mesmo mês do ano anterior sendo a maioria de idosos com mais de 65 anos”.

---

<sup>5</sup> G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/02/inadimplencia-do-comercio-brasileiro-sobe-118-em-janeiro-diz-spc.html>>. Acesso em 24 fev.2013.

Como os comerciantes estão comprometidos com custos para efetuar suas vendas, o não recebimento do pagamento pode colocá-lo em dificuldades financeiras. E esse problema pode também prejudicar outros segmentos da economia, pois se o comerciante não vende? Seu estoque prejudica as vendas da indústria, e conseqüentemente é forçado a cortar funcionários, causando desemprego.

O comerciante atrasa seus pagamentos, afetando seus fornecedores e bancos também, caso ele tenha empréstimos. Assim o ciclo se fecha e recomeça.

Diante de maior risco de inadimplência na economia, os bancos podem adotar uma política mais rígida para emprestar dinheiro. Como muitas empresas precisam de crédito para investir, a menor oferta de recursos pode acabar prejudicando o ritmo de investimentos das empresas, impactando negativamente sobre a economia como um todo.

Para não correr risco de ter altos índices de inadimplência as empresas utilizam de artifícios para ajudar no recebimento das vendas como: negociações, cobrança por telefone e/ou correspondência, protestos em órgãos competentes e até cobrança judicial.

A inadimplência pode trazer situações não favoráveis para a economia, mas a queda é ótima para o mercado, pois sugere que ainda há espaço para o aumento do consumo, o que é benéfico para o crescimento de um país.

#### **4 Efeitos do excesso de oferta de crédito**

A economia mundial passava por um momento de juros baixos e crédito facilitado. O crédito tornou-se de fácil acesso tanto para empresas tanto para cidadãos comuns, de forma a reduzir a noção dos riscos das operações, pois todos se tornaram mais propensos a investimentos ousados em busca de lucros altos e rápidos.

Segundo Falcon,2008 “então surge um círculo vicioso, em que ações, moedas, imóveis e empréstimos se tornaram mais valorizados do que suas reais possibilidades de retorno”.

Em 2008 deu - se o início da crise do setor imobiliário americano com conseqüências que se espalharam para vários países.

Financeiras americanas confiaram de modo excessivo em clientes que não tinham histórico de bom pagamento de dívidas. Esse tipo de financiamento, de alto risco, é chamado de “subprime” (segunda linha).

Os clientes davam como garantia suas casas, mas o mercado imobiliário retraiu e aumentou a inadimplência. O dinheiro dos bancos começou a diminuir, as empresas de hipoteca quebraram e as pessoas tiveram suas dívidas executadas, perdendo seus imóveis.

Logo as consequências surgiram, bancos quebraram, moedas dispararam e moratórias foram declaradas.

O aumento da oferta agravou a queda de preço e o refinanciamento de dívidas se dificultou, fazendo com que os bancos diminuíssem a oferta de crédito e a economia como um todo desacelerasse. A fim de evitar uma restrição ainda maior de crédito, vários bancos injetaram bilhões de dólares no mercado financeiro, e fundos com papéis no mercado subprime se desfizeram de ativos para compensarem perdas, mas a crise afetou bolsas de valores do mundo inteiro, e também influenciou o mercado de câmbio, principalmente o Brasil que depende do dólar para exportar e importar seus produtos.

A crise econômica fez com que todos empobrecessem, empresas e famílias perderam sua condição de investir e consumir. As famílias tiveram que poupar seu dinheiro e com a retração de investimento e consumo, as empresas vendem menos. Consequentemente lucra menos, o que requer demissões, ocasionando renda familiar menor e as famílias têm de diminuir seu consumo. E assim o ciclo recomeça.

### **Considerações iniciais**

Trata-se esse estudo de ensaio sobre o excesso de oferta de crédito com a finalidade de entender como a economia se comporta e as consequências que esse processo traz se houver o excesso de oferta de crédito no mercado, a ser concluído com o término do trabalho de conclusão de curso (tcc), em 2013.

No entanto, através de estudo bibliográfico pode-se perceber que o excesso de oferta de crédito é um assunto muito importante para a economia, porque a sociedade, seja pessoa física ou grandes empresas, necessitam do crédito para sobreviverem. O crédito em excesso aumenta os índices de inadimplência



trazendo consequências desfavoráveis a todos os setores da economia. Isso atinge toda a sociedade, pois se não se consome, as empresas não pagam suas contas, não abastecem seus estoques, atingindo indústrias e conseqüentemente aumentando o desemprego.

## Referência

PACHECO, Juliana Aparecida Silva. *Crédito: origem, evolução e consequências de sua excessiva oferta*. Franca: Uni-Facef, 2008, 85p.

LOPES. João de Alcântara. *Expansão do crédito*. Conselho Federal de Economia, 24 jun. 2008. Disponível em:

<[http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view%id143](http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com_content&task=view%id143)>  
Acesso: em 24 mar.2011.

MONEYBASIC. Disponível em.

<[http://www.moneybasic.pt/credits\\_n\\_spending/what\\_is\\_credit.html](http://www.moneybasic.pt/credits_n_spending/what_is_credit.html)>. Acesso em 22 maio 2011.

FALCON, Marcos . *Varejo, crédito e competitividade*. Artigos, 23 set.2008. Disponível em: < <http://www.artigos.com/artigos/sociais/administracao/vendas/varejo-credito-e-competitividade-4435/artigos/>>. Acesso em: 23 mar.2011.

IGF. Disponível em:

<[http://www.igf.com.br/aprende/dicasResp.aspx?dica\\_id=3028/](http://www.igf.com.br/aprende/dicasResp.aspx?dica_id=3028/)>. Acesso em: 01 jun. 2011.

PORTALDEAUDITORIA. Disponível em:

<<http://www.portaldeauditoria.com.br/artigos/Bolha-de-Cr%C3%A9dito.asp/>>. Acesso em: 31 maio 2011.

REVISTAPEGN. Disponível em:

<<http://revistapegn.globo.com/Revista/Commom/O,,ERT227598-17141,00.html/>>. Acesso em: 30 maio 2011.

ECONOMIA. Disponível em:

<<http://economia.ult.com.br/ultnot12008/03/31/ult4294ul1176.jhtm?action=prent./>>. Acesso em: 23 maio 2011.

EUMED. Disponível em:

<<http://eumed.net/libros/2009a/477/AS%20FUNCOES%20DA%20MOEDA%20e%20SUA%20IMPORTANCIA.htm/>> Acesso em: 22 maio 2011.

BCB. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?ORIGEMOEDA>>. Acesso em: 31 maio 2011.

G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/02/inadimplencia-do-comercio-brasileiro-sobe-118-em-janeiro-diz-spc.html>>. Acesso em 24 fev.2013.

FOLHA. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u453003.shtml>>. Acesso em: 17 mar.2013.

KRUGMAN, Paul R. A crise de 2008 e a Economia da Depressão. tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier 2009.